



Universidade de Brasília- UnB
Faculdade de Comunicação- FAC
Departamento de Comunicação Organizacional

LEÃOZINHO:

Um documentário sobre o amor de dois irmãos

MARINA MACIEL DE BRITO DA SILVA

Brasília,
Julho de 2023

MARINA MACIEL DE BRITO DA SILVA

LEÃOZINHO:

Um documentário sobre o amor e os desafios entre dois irmãos

Memorial apresentado ao departamento de Comunicação Organizacional, Faculdade de Comunicação na Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Ms. Carlos Henrique Novis

BRASÍLIA

Julho de 2023

Dedico este trabalho ao meu irmão, Leandro, que foi a maior inspiração para que esse documentário fosse realizado. Nossa relação e amor de irmãos, em meio aos desafios e às doçuras nela presentes, foi o que me motivou a realizar tal trabalho com tamanho carinho, dedicação e sinceridade.

Agradecimentos

Agradeço à minha mãe, Andréa, por ter sido a razão de toda a minha formação acadêmica. Sempre se preocupou e se dedicou diariamente para proporcionar-me educação, em todos os aspectos. Esteve ao meu lado durante toda a minha caminhada como estudante, me educando, reeducando, lecionando e comemorando cada conquista.

Agradeço à minha irmã, Emanuella, por ser minha melhor amiga e companheira durante toda a minha vida. Me apoiou, me acolheu, me amou, me chamou a atenção, me ensinou inúmeras coisas sobre a vida e isso, sem dúvidas, fez parte da minha caminhada na universidade.

Agradeço aos meus amigos, Gabriela, Jéssica, Clara, Bela, Yohanan, Vitória, Beatriz e Muriel, por me proporcionarem inúmeras alegrias e ajudando-me a desenvolver autoconfiança todos os dias, o que certamente contribuiu para que eu chegasse até aqui.

Agradeço à minha psicóloga, Lorrane, por me ajudar a enfrentar todos os meus medos, incluindo meus defeitos e que, sem dúvida, fez com que eu realizasse este projeto com tamanha coragem, audácia e autoestima.

Agradeço à minha amiga, companheira de curso e colega de profissão, Anne, que me ajudou em todas as etapas difíceis da academia, que me encorajou a enfrentar os medos e receios como estudante, que me proporcionou inúmeras oportunidades de trabalho e, o mais importante, que foi feliz comigo do início ao fim desta etapa.

Agradeço ao meu professor e orientador, Caique Novis, que desde o início da idealização deste projeto acreditou em mim, se empenhou comigo em todas as etapas, me ensinando e encorajando a ser eu mesma e depositar neste trabalho tudo o que sou e que tenho para oferecer. Sempre foi sincero, extremamente amigo e compartilhou comigo, generosamente, todo o seu conhecimento para que este documentário fosse tão incrível.

Agradeço aos professores que aceitaram o meu convite de fazer parte da minha banca e aos que me auxiliaram durante toda a minha formação, não apenas por meio de conhecimento, como também por meio de amor, compreensão e carinho que recebi durante toda a graduação. Assim como sou grata à Universidade de Brasília por ter me acolhido com inúmeras oportunidades, além de me qualificar como profissional.

Por fim, agradeço a todos os meus mentores e supervisores de estágio que acreditaram em mim durante todo o meu processo de aprendizagem da profissão, na prática. Especialmente, à Polyana, que é um exemplo de mulher, mãe e profissional que tanto admiro e me espelho em ser um dia.

Resumo

Relações familiares sempre têm seus desafios visto que a convivência proporciona, por vezes, as discordâncias e põe em evidência as diferenças de cada um. Essas relações tornam-se ainda mais complexas quando os integrantes dessa família possuem transtornos que dificultam ainda mais a boa convivência e/ou estão em fase de transição de etapas da vida, como da infância para adolescência, onde já carrega por si só diversas mudanças complexas intelectuais e físicas, tornando todo o cenário ainda mais delicado. Por isso, esse produto propõe expor essas dificuldades na prática junto aos seus encantamentos, por meio do audiovisual em formato de documentário, a fim de comunicar compreensão, amor e dificuldades nas relações humanas.

Palavras-chave: Família; TDAH; Bipolaridade; Documentário; Audiovisual

Abstract

Family relationships always have their challenges, since coexistence sometimes leads to disagreements and highlights the differences of each person. These relationships become even more complex when the members of this family have disorders that make good coexistence even more difficult and/or are in the transition phase of life stages, such as from childhood to adolescence, where they already carry several complex changes. intellectual and physical, making the whole scenario even more delicate. Therefore, this product proposes to expose these difficulties in practice along with their enchantments, through filmmaking in documentary format, in order to communicate understanding, love and difficulties in human relationships.

Keywords: Family; TDAH; Bipolarity; Documentary; Filmmaking

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
PROBLEMA DE PESQUISA	10
JUSTIFICATIVA	11
OBJETIVOS	13
REFERENCIAL TEÓRICO	14
1. Relações familiares no contexto de crianças com transtornos	14
2. Infância e adolescência	15
3. Estética	17
METODOLOGIA	18
PRODUTO	19
1. Análise de material	18
2. Conceito	21
3. Equipamentos e equipe	25
4. Fotografia e Arte	26
5. Plano de filmagem	25
6. Pós-produção	27
CONCLUSÕES	31
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

Leãozinho retrata a relação desafiadora entre mim e meu irmão, de 12 anos, realizada em documentário e dessa memória de produto que começo a apresentar. Por tratar-se de um produto pessoal e por ser conveniente para a natureza do mesmo, tomo a liberdade de escrever em primeira pessoa.

Leandro é diagnosticado com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e vive atualmente um processo de possível diagnóstico de Transtorno de Bipolaridade.

A ideia principal do documentário é exhibir, por meio do audiovisual, a relação familiar desafiadora entre o meu irmão, um pré-adolescente diagnosticado com transtornos que dificultam a estabilidade de relações, e uma adulta que possui grande dificuldade de compreensão, paciência e adaptação a esta realidade, sendo eu essa adulta. Apesar dessas dificuldades, que geraram distanciamento entre nós, há uma relação onde existe amor, demonstrações de afeto e tentativas de reconciliação.

A pré-adolescência vai dos 10 aos 13 anos de idade e é uma fase da vida onde o indivíduo vivencia inúmeros conflitos e incertezas que se dão devido aos hormônios, às mudanças de gostos e preferências, tanto corporais quanto intelectuais, necessidade crescente de privacidade e aprovação dos demais, inspiração de curiosidade e ansiedade, surgimento dos primeiros desejos românticos e sexuais e seus pensamentos concretos.

Os fatores intrínsecos relacionados com a personalidade de um pré-adolescente são os que determinam, na realidade, as diferentes manifestações do comportamento que interessam para o tratamento de qualquer tipo, mas fundamentalmente do psicodinâmico, e também para a compreensão dos problemas psiquiátricos e psicopatológicos em geral deste período da vida. É notável a dificuldade desta fase em razão de acontecimentos já citados, justo porque o indivíduo tem de se desprender do mundo infantil e das comodidades que ser criança propõe, como dependência, necessidades básicas satisfeitas e papéis muito bem estabelecidos.

Segundo as ideias de Aberastury, citadas no artigo *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico* de Arminda Aberastury e Mauricio Knobel, o indivíduo passa por três lutos fundamentais:

“(…) a) o luto pelo corpo infantil perdido, base biológica da adolescência, que se impõe ao indivíduo que não poucas vezes tem que sentir suas mudanças como algo externo, frente ao qual se encontra como espectador impotente do que ocorre no seu próprio organismo; b) o luto pelo papel e a identidade

infantis, que o obriga a uma renúncia da dependência e a uma aceitação de responsabilidades que muitas vezes desconhece; c) o luto pelos pais da infância os quais persistentemente tenta reter na sua personalidade, procurando o refúgio e a proteção que eles significam, situação que se complica pela própria atitude dos pais, que também têm que aceitar o seu envelhecimento e o fato de que seus filhos já não são crianças, mas adultos, ou estão em vias de sê-lo.” (ABERASTURY, 1981, p. 10)

Ainda, há a complexidade do transtorno envolvido que, muitas vezes, maximiza os sentimentos e comportamentos oriundos dessa transição da infância para a adolescência. O reconhecimento de sintomas depressivos ou de (hipo)mania em crianças costuma ser difícil, principalmente porque estas podem ter dificuldade em reconhecer e nomear seus próprios sentimentos. A baixa prevalência também pode ser devido ao fato de que as características consideradas atípicas em adultos parecem ser regra e não exceção em crianças e, por isso, muitos profissionais nem chegam a incluir o Transtorno Afetivo Bipolar (TAB) como possibilidade de diagnóstico quando avaliam uma criança.

PROBLEMA DE PESQUISA

A pessoa, nesta fase da vida, na qual meu irmão se encontra, apresenta uma vulnerabilidade especial para assimilar os impactos projetivos de pais, irmãos e de toda a sociedade. Ou seja, é um receptáculo propício para encarregar-se dos conflitos dos outros e assumir os aspectos mais doentios do meio em que vive. A severidade e a violência com que, às vezes, se pretende reprimir esses jovens só cria um distanciamento ainda maior e uma agravação nos conflitos, com o desenvolvimento de personalidades e grupos sociais cada vez mais anormais, que em última instância implicam uma autodestruição suicida da sociedade.

Com isso, o problema de pesquisa se traduz em, no contexto aqui tratado: quais são as dificuldades enfrentadas por jovens pré-adolescentes diagnosticados com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, quais as dificuldades enfrentadas por pessoas que convivem com este indivíduo e como essas dificuldades, de ambos os lados, podem interferir negativamente em uma relação entre irmãos?

JUSTIFICATIVA

O que fundamenta a relevância da criação deste produto audiovisual como o Trabalho de Conclusão de uma graduação em Comunicação Social? Perguntar-me por quê me dedicar a este processo de criação me levou a ressignificar o meu papel não só como irmã, mas também de humanidade diante dos problemas apresentados. Dentre os motivos pessoais que podem ser citados para justificar a escolha do objeto em questão, as principais são: mostrar ao espectador a minha narrativa enquanto irmã de uma criança com transtornos que tornam a convivência mais dificultosa; exibir não apenas as minhas dificuldades, mas também os meus defeitos e falhas no que se refere à compreensão e paciência diante dos problemas apresentados no filme; e resgatar por meio de reaproximação a relação entre mim e Leandro.

Por outro lado, a Comunicação e o Audiovisual têm importante papel na disseminação e facilitação do acesso a conhecimentos, tendo o poder do ‘olhar’ atento à temas delicados e de extrema relevância em nossa sociedade. Assuntos esses que, por sua vez, são abordados e exibidos de forma clara, sensível, leve, muitas vezes com humor e em ambientes de lazer, o que torna a comunicação mais branda e, muitas vezes, mais efetiva. Acredito que o Audiovisual dispõe de flexibilidade e abrangência por ser consumido pela sociedade como momentos de lazer e entretenimento, podendo ser mais facilmente encarado como um canal de mudança quando citados assuntos complexos da sociedade.

A escolha de realizar um documentário se deu por ser o formato audiovisual que, na minha opinião, mais se encaixa para abordagem de temas que tratam de processos analíticos da vida e suas manifestações em emoções. Já sobre a escolha do nome do documentário, se dá ao referir-se ao nome do meu irmão. Leandro significa ‘homem-leão’, por isso desde pequeno o dedicamos a música *Leãozinho* de Caetano Veloso.

Por meio desse documentário, pude refletir a minha narrativa diante dos problemas apresentados identificando-me como uma pessoa impaciente, sistemática e exigente, quais os meios que tenho e posso desenvolver para ser melhor como irmã e pessoa, assim como pude refletir a narrativa do meu irmão fazendo-me ter mais compaixão e respeito pelas nossas diferenças. A convivência com pessoas nas condições e personalidade do meu irmão não são fáceis. Há desafios, momentos desesperadores e nada esperançosos, momentos difíceis e dolorosos para toda a família,

escola, professores e pessoas no seu círculo social. Mas, em contrapartida, certamente não é fácil ser visto como o ‘protagonista’ destes mesmos conflitos. Ao longo do processo de realização deste filme, houve muitas dúvidas, desde como me comportar diante das câmeras à como abordar questões delicadas e expressar minhas opiniões que pudessem deixá-lo ferido ao ver o projeto concluído.

OBJETIVOS

O objetivo do produto que acompanha esse memorial é contribuir para um contraponto necessário a essas narrativas de dificuldade de compreensão para com os transtornos mentais. É levar alento aos que se sentem culpados por não compreender por completo essas questões, levar informação aos que julgam filhos ou quaisquer outros familiares como ‘pessoas difíceis’ por terem transtornos mentais que dificultam suas interações e relações. É fazer com que seja desenvolvida uma compreensão própria desta fase da vida, da transição da infância para a adolescência, onde naturalmente muitos desafios e mudanças são postas à prova. É mostrar que esses sujeitos não estão necessariamente condenados a uma vida cheia de limitações no campo das interações sociais e mostrar como a narrativa daqueles que vivem os transtornos e daqueles que convivem com essas pessoas, são completamente diferentes e em cada uma dessas narrativas há suas dores, dificuldades, desafios e superações.

Portanto, o produto se trata de uma obra audiovisual em formato de documentário carregada de referências à transtornos mentais, na prática, cada vez mais comuns em nossa sociedade, reaproximação de relações familiares frente aos desafios impostos por esses transtornos, tornando a relação menos violenta, mais afetiva e mais respeitosa. É uma obra que oferece, por meio de uma relação real retratada, um canal de informação aos pais, responsáveis, parentes ou pessoas do convívio de um pré-adolescente com tal diagnóstico de como se comportar, de como orientá-los em situações em que o indivíduo não possui autonomia para lidar ou enfrentar e também promover identificação da narrativa apresentada aos que possam precisar perdoar-se pela falta de compreensão com essas pessoas.

O documentário *Leãozinho* também serve para despertar o interesse do público a resgatar relações afetivas, mais especificamente familiares, quando se vêm desgastadas ao enfrentar no dia a dia dificuldades em razão de um diagnóstico, personalidade ou fase da vida, a qual todos passamos. Um dos destaques considerados para esta obra é justamente a capacidade de conseguir chamar a atenção do espectador não somente pela história, pela narrativa apresentada e pelos seus personagens, bem como se faz presente a capacidade de levar o espectador a um olhar de autocrítica.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. Relações familiares no contexto de crianças com transtornos

Leãozinho é um produto multifacetado. Há a sua frente audiovisual que todo filme carrega ao possuir uma narrativa de início, meio e fim, como também a sua frente conteudista. Por isso, os conceitos reunidos para a formação desse referencial teórico são diversos e baseiam-se em compreender o contexto vivido pelos personagens da obra tornando a experiência de acompanhar os ditos ‘dramas’ do enredo ainda mais interessantes e chamativos. Como já mencionado em tópicos anteriores, o primeiro referencial teórico como pilar da obra foi a pesquisa *Relações familiares na perspectiva de pais, irmãos e crianças com deficiência* realizada por Simone Cerqueira da Silva e Maria Auxiliadora Dessen:

“O desenvolvimento das crianças com deficiência é influenciado pelas relações familiares, sobretudo pelo modo como os pais lidam com a criança e a deficiência. No entanto, apesar de sua importância, o funcionamento global dessas famílias é pouco conhecido. Sendo assim, a pesquisa mencionada acima teve como objetivo investigar as características das relações familiares de crianças com deficiência, sendo elas auditiva, intelectual, física, múltipla ou visual, na perspectiva de mães, pais, irmãos e das próprias crianças com deficiência.” (SILVA, S.C. & DESSEN, M. A., 2014, p. 2)

Os resultados dessa pesquisa foram:

(...) que as práticas parentais são percebidas como coercitivas, mesmo havendo harmonia, diálogo e compartilhamento nos cuidados com os filhos. As relações conjugais são vistas como predominantemente satisfatórias, embora existam conflitos. Já sobre as relações fraternas, foram frequentes os relatos sobre conflito, harmonia, cuidado/proteção e coesão/união entre os irmãos. Os resultados indicam a necessidade urgente de investigar os padrões de comunicação em famílias com crianças com diferentes tipos de deficiência, visando à elaboração de propostas de educação e reeducação voltadas ao funcionamento típico de cada tipologia de família. (SILVA, S.C. & DESSEN, M. A., 2014, p. 8)

Estendendo um pouco mais, os relatos dos participantes da pesquisa mostram que, quanto ao subsistema fraterno, existe conflito, harmonia, cuidado, proteção, coesão e união. As mães entrevistadas foram as que mais relataram ‘conflito’ entre os irmãos, embora estes tenham sido apontados por todos os demais participantes. Apesar dos conflitos relatados pelos familiares (irmãos, pais e mães), 39% deles avaliaram a relação fraterna como ‘boa’. Dependendo da dinâmica das relações que se estabelecem entre os membros da família, logo após o nascimento da criança e sua posterior evolução no decorrer do curso de vida, as relações familiares podem se manter com harmonia e equilíbrio, favorecendo o enfrentamento da família diante dos seus momentos de crise e das adversidades vividas ao longo das variadas etapas evolutivas do seu desenvolvimento.

2. Infância e adolescência

Já neste ponto, a referência teórica se deu pela justificativa das dificuldades enfrentadas por indivíduos ao viverem a transição da infância para a adolescência, mais conhecida como pré-adolescência. Como contexto das dificuldades enfrentadas nesse período da vida destacam-se algumas como a mudança de hormônios, o surgimento e experiência da sexualidade, o não-pertencimento ao mundo infantil e não mais necessidades básicas supridas por terceiros, busca pela aprovação e aceitação em ambientes sociais, especificamente o ambiente escolar, bullying e transformações fisionômicas abruptas.

As mudanças que se dão nos dias de hoje, dadas as transformações das condições socio-histórias e culturais, embora não sejam lineares, acabam por promover uma série de conflitos nas idades da vida; isto é, na hierarquia de idades até então estabelecida, mesmo que essas mudanças não cheguem a atingir todas as crianças e todos os adolescentes e jovens indistintamente pois há uma infância e uma adolescência não tuteladas, não protegidas e excluídas do consumo, enquanto que há uma outra, de maior poder aquisitivo, inserida no consumo, tutelada e protegida. Mesmo com essa ressalva, as mudanças que vêm ocorrendo desencadeiam um novo jeito de compreender a infância e a adolescência que traz implicações na forma pela qual as crianças e os adolescentes são representados e se constroem como indivíduos. Embora os critérios cronológicos ainda sejam válidos, a faixa etária não pode ser mais entendida como uma dimensão básica para definir os ciclos de vida.

Para este aspecto que foi um pilar importante para a obra, um dos referenciais teóricos importantes foi *Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos*, de Leila Maria Ferreira Salles. O objetivo desse trabalho era indicar aspectos que configurassem a infância e a adolescência na sociedade contemporânea, especificamente no que diz respeito à relação com o adulto. O estudo se comprometeu em identificar uma nova forma de reconhecimento social das fases da vida que enfatiza um tratamento igualitário entre o adulto, criança e adolescente, entendendo que essas etapas do desenvolvimento humano carregam consigo, atualmente, suas implicações na vida cotidiana.

Em seu estudo, Leila Maria Ferreira Salles menciona que desde o fim do século XVIII até o início do XIX a visão que, até então, a nossa sociedade havia criado de uma criança foi gradualmente se modificando como uma etapa distinta da vida. O conceito de infância e adolescência é uma intervenção própria da sociedade industrial diretamente ligado ao sistema educacional que acabou tornando os jovens cada vez mais dependentes dos pais. A adolescência só passou a ser reconhecida como um período distinto da infância por causa da escolarização, que supõe a separação entre adultos e aqueles que estão em formação, bem como a exclusão, por exemplo, de uma criança do mundo do trabalho. Esse processo se deu nas classes sociais mais abastadas e estendeu-se para toda a sociedade, impondo-se como um modelo que atinge toda a organização social.

Dito isso, a criança então foi excluída do mundo do trabalho e das responsabilidades, adquirindo um 'status' de pureza, assexualidade e inocência. Já a adolescência configurou-se, então, como um período de experimentação de valores, papéis sociais e de identidade e pela ambiguidade entre ser criança e ser adulto. O jovem está apto para a procriação, produção social e para o trabalho. Entretanto, a ambivalência da sociedade quanto à possibilidade de efetivação dessas aptidões faz com que esse período da vida torne-se conhecido como intermediário e provisório. (SALLES, L.M.F., 2005, p. 3)

Assim, como diz Abramo (1994), o que define a adolescência e a juventude é a transitoriedade. Ser menor, não adulto, define uma condição social e psicológica tornando as gerações interdependentes e hierarquizadas. Mesmo que haja pluralidade de infâncias, adolescências e juventudes em função das diferenças concretas das condições

de vida existentes na sociedade, a criança e o jovem são tutelados pelo adulto, já que são desiguais a eles.

3. Estética

No caso de *Leãozinho*, por se tratar de um produto audiovisual, ele demanda referências estéticas que sirvam de filtro para as ideias e vivências que formam a narrativa. Logo, o trabalho reuniu influências de outros produtos audiovisuais como *Os dias com ele*, de Maria Clara Escobar e *Babenco – Alguém tem que ouvir o coração e dizer: parou*, de Bárbara Paz. São documentários em que as narrativas são baseadas em autobiografia e autoetnografia, onde o produto em questão ajuda a construir um caminho lógico e promovedor de identificação do público, por meio de relatos pessoais.

A etnografia audiovisual consiste em uma forma de pesquisa qualitativa no qual um autor usa a autorreflexão e sua experiência de imersão em contextos sociais para produzir uma escrita que explore e se apoie em elementos de experiência pessoal, conectando essa história autobiográfica a acontecimentos e significados culturais, políticos e sociais mais amplos.

METODOLOGIA

Para se construir um caminho que leva ao produto idealizado nesse projeto extremamente pessoal, buscaram-se metodologias que tivessem como o mesmo enredo pautado em relações familiares, que retratassem ‘dois mundos’ ou ‘duas visões’ distintas em um mesmo filme, bem como as semelhanças de categoria de filme, visto que as obras são em formato de documentário, onde o autor se expõe (não apenas fisicamente, como também suas emoções e histórias pessoais) e são desprovidos de produção tecnicamente exigentes.

Dos filmes analisados estão: *Os dias com ele*, *Terra do Silêncio e da Escuridão* e *Babenco – Alguém tem que ouvir o coração e dizer: parou*.

O primeiro é um filme de Maria Clara Escobar, de 2003, que mergulha no passado quase que desconhecido de seu pai, Carlos Henrique Escobar. Ela vive as descobertas e frustrações de acessar junto ao seu pai, por meio de entrevistas e conversas, a memória deste homem que foi preso e torturado pela ditadura militar. As duras vivências de Carlos fizeram com que se tornasse um pai exigente e intratável na infância de Maria. Em alguns momentos durante o filme, Carlos responde com rispidez, demonstrando e reforçando os obstáculos que existem na relação entre pai e filha, apesar de ser reconhecido como um intelectual pela sociedade.

Já *Terra do Silêncio e da Escuridão* é um documentário de Werner Herzog, de 1971, que narra a história da cego-surda Fini Straubinger. Herzog consegue fazer um mergulho na realidade de Fini que não é exatamente triste e nem piedoso, mas bastante delicado e desconcertante. Este é um bom exemplo de documentário que poderia ser apelativo e piegas, no qual a deficiência física dos seus personagens pudessem ser apenas uma maneira simples de levar o espectador ao sentimentalismo fácil. As marcas do cinema deste grande cineasta alemão levam a história para outras dimensões, pois muito mais do que um filme sobre a trajetória sofrida da protagonista, da quase vegetação ao ativismo constante na luta pelo tratamento de outros cego-surdos, é um filme sobre o tato como experiência. Tocar o mundo (seja os animais, as plantas e o avião) e tocar aos outros (os toques das mãos como forma de comunicação e de contato privilegiado) são pontos vitais para a câmera do diretor e o seu guia é a maneira da personagem lidar com o mundo. Todo esse contexto fez-se necessário para a construção da obra *Leãozinho* no que se refere ao expor para o espectador a maneira de Leandro lidar com o ‘próprio mundo’ e a maneira que eu lido com o ‘mundo’ do meu irmão.

Por último, o documentário *Babenco – Alguém tem que ouvir o coração e dizer: parou*, de Bárbara Paz, foi analisado no que se refere à parte técnica de filmagens e linha cronológica de imagens e banco de imagens/vídeos anos antes já gravados pela autora do longa. Esses pilares foram de suma importância para a construção do filme *Leãozinho*. O longa mencionado documenta o fim, já esperado, da vida de Hector Babenco. Babenco foi um cineasta que viveu e morreu realizando o que fazia a sua vida ter algum sentido: a sétima arte. Em relatos marcantes sobre as memórias, amores, reflexões, intelectualidade e a frágil condição de saúde do artista, o documentário revela o quanto seu amor pelo cinema o manteve vivo por tantos anos. O roteiro e direção do filme são de Bárbara Paz, a ex-companheira de Babenco.

Todos os filmes aqui citados foram escolhidos como referência para a obra *Leãozinho* pela correlação não apenas temática, como de categorias de filmes, mas também por obterem uma relação direta no comprometimento em retratar relações humanas e familiares em contextos delicados, muitas vezes de sofrimento e não aceitação da sociedade, onde em um deles há o contexto de deficiência auditiva e visual.

A análise dos filmes buscou compreender algumas outras categorias, como: tempo de duração, formato de produção de vídeo, técnicas audiovisuais, temáticas principais dos filmes, abordagem das dificuldades mencionadas e padrão de entrevistas.

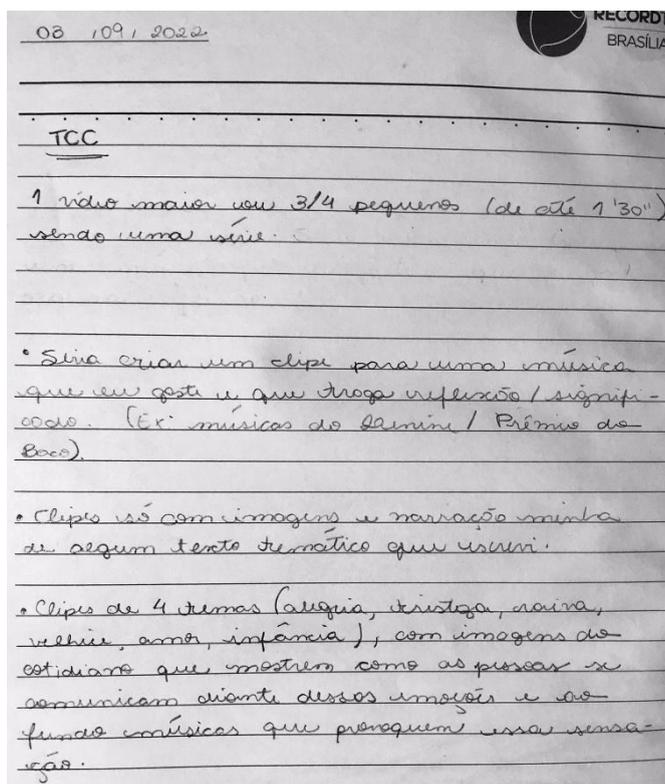
Outra metodologia escolhida para a realização deste documentário foi a autoetnografia. Etnografia significa, literalmente, a descrição de um povo. Consiste em uma metodologia das ciências sociais, principalmente da disciplina de Antropologia, em que o principal foco é o estudo da cultura e o comportamento de determinados grupos sociais. Nesse caso, refere-se aos comportamentos oriundos da pré-adolescência junto aos transtornos que acompanham Leandro. Já em relação à minha pessoa, refere-se aos comportamentos oriundos de traumas que serviram de gatilhos emocionais e comportamentais ao longo da vida.

PRODUTO

1. Análise de material

Para entender e construir a narrativa sobre o objeto de estudo, sendo essa a relação familiar entre dois irmãos no contexto de transtornos mentais, foi escolhida como metodologia a autoetnografia. A metodologia de autoetnografia facilita a identificação do público com uma história aparentemente pessoal.

Em setembro de 2022, deu-se início à análise do material pessoal. Desde o início, a ideia era abordar algum tema a respeito das relações cotidianas que tivessem relação direta com os processos analíticos da vida que são enfrentados, diariamente, por todos nós. Foram considerados temas como: velhice e morte, que são questões muito delicadas em minha vida.



Pensando no contexto de velhice e morte, a professora Érika Bauer, do curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília me sugeriu que eu abordasse alguma relação com alguém da minha família, que fosse mais velha, a qual eu tivesse o interesse em 'resgatar'. Inicialmente, essa pessoa seria a minha avó, com quem não tenho muita intimidade. Tal figura foi escolhida por ser idosa e seria entrevistada no contexto de enfrentamento à velhice e à morte. Tal trabalho tinha por objetivo criar

maior proximidade com ela, pois houve desgastes repassados de geração para geração, entre as mulheres da minha vida.

A ideia foi consolidada e depois de um mês, resolvi depositar a minha energia, o meu carinho e determinação em alguma relação que fizesse mais sentido para mim. Foi quando decidi ‘resgatar’ a minha relação com meu irmão, que além de ser uma criança a qual merece esforço de compreensão, amor e dedicação, é alguém que admiro para abordar em documentário e expor suas diversas vertentes de personalidade. Desde os 15 anos de idade, muitas reflexões, comportamentos e sentimentos foram abordados e trabalhados em sessões de psicoterapia acerca do conflito que contextualiza a nossa relação. Desde muito nova escrevo sobre as dificuldades que a vida nos propõe e uma delas foi a vinda do meu irmão. Inicialmente, essa dificuldade foi pautada por sua origem, ou seja, pelos 10 anos de relacionamento com o pai do meu irmão, meu ex-padrasto. Depois, pautada nas dificuldades de enfrentamento e aceitação diante da personalidade e dificuldades pessoais de Leandro.

A metodologia de autoetnografia faria com que, além da identificação do público por abordar relações familiares conflituosas e cotidianas, eu pudesse desenvolver uma autocrítica e obter um novo olhar sobre quem de fato é o meu irmão. Surgiu a vontade de expor aos demais o meu olhar, muitas vezes machucado, incompreensivo e incompreendido, como também criar um novo olhar para mim mesma diante da personalidade do Leandro. Um olhar mais doce e mais generoso que, conseqüentemente, pudesse reverberar em uma melhora na relação.

Um motivo importante na análise de material foi, também, a quantidade de materiais guardados durante a vida toda entre mim e Leandro, contendo vídeos, fotos, áudios e outros que pudessem contribuir para a narrativa do documentário.

2. Conceito

Uma vez analisados os materiais que servem de matéria-prima à construção do produto, seguiu-se à conceituação dele. Aqui, entende-se o conceito como o cerne que guia a produção de todas as etapas do documentário, da escolha de abordagem, músicas e vocabulário.

O conceito, muito recorrente nos relatos, são pautados nas dificuldades enfrentadas no passado que possuem relação direta no relacionamento nós irmãos. Ou seja, o conceito do documentário foi expor as dificuldades antes mesmo do nascimento de

Leandro para que pudesse dar início à contextualização dos conflitos da relação. Outro pilar era expor a verdadeira personalidade de Leandro, tanto suas qualidades quanto defeitos, sob o meu olhar e o olhar de pessoas do convívio, por meio de relatos e entrevistas, o que posteriormente foi excluído em razão da percepção desnecessária da visão de outras pessoas acerca de uma relação que só diz respeito a duas pessoas, eu e Leandro.

Outro conceito de suma importância no documentário é a presença da citação de transtornos mentais, os quais contextualizam ainda mais os conflitos da relação. Por isso, tornou-se necessário abordar o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e o Transtorno Bipolar. Laudos não foram anexados pois há apenas a confirmação do primeiro transtorno citado. Em relação ao segundo, o Leandro ainda segue sob análise médica com fortes suspeitas de Transtorno Bipolar a partir do momento em que algumas medicações foram ministradas pelo seu médico psiquiatra e surtiram efeitos muito positivos que reverberaram em um convívio mais harmonioso com Leandro.

A partir dessas informações, foi planejada uma linha criativa que abordasse todos os pontos citados de maneira narrada por mim, autora do documentário, em que obtivessem pontos mais altos (alegres) e pontos baixos (tristes) sobre a história narrada. Por isso, o instrumental de *Leãozinho* é tão importante quanto a própria história e suas imagens. As músicas foram escolhidas, com muita atenção e cautela, para que transmitissem exatamente o sentimento que a narração gostaria de passar para o público. A música usada como tema foi *Leãozinho* de Caetano Veloso, como já citado anteriormente, por fazer referência ao significado do nome Leandro. Como trilha sonora para exposição da relação de Leandro e seu pet, Jorel, a música escolhida foi *You've Got a Friend in Me* mais conhecida por sua trilha sonora em *Toy Story*. A música cita um melhor amigo que, com base no filme, pode ser encontrado em brinquedos, mas no caso de Leandro pode ser encontrado em um animal de estimação. Já a música *Leve e Suave* de Lenine, foi escolhida para o momento em que Leandro se emociona pois Lenine é considerado por mim um grande poeta, onde suas letras se encaixam perfeitamente nesse momento, mais especificamente neste trecho:

Nossa vida breve
Tudo que me atreve
A seguir de fato
O caminho exato
Da delicadeza
E ter a certeza
De viver no afeto (LENINE, *Leve e Suave*, 2018)

Esse trecho descreve perfeitamente a importância do afeto e da delicadeza na construção de uma vida *Leve e Suave* e acredito que foi tal delicadeza na demonstração de carinho em seu aniversário, contido no documentário, é que prova a sensibilidade de Leandro. Já em relação à canção *Começaria Tudo Outra Vez*, de Gonzaguinha, sua escolha se deu por dois motivos: por seu instrumental que ‘conversou’ perfeitamente com o amor demonstrado em determinado trecho e por sua letra nos primeiros versos, que define o que é o projeto para mim: um recomeço.

Começaria tudo outra vez
Se preciso fosse, meu amor
(GONZAGUINHA, *Começaria Tudo Outra Vez*, 1977)

Para o final do documentário, escolhi a música *Não me deixe só*, de Vanessa da Mata, por dois motivos. O primeiro é que essa música foi escolhida por me trazer ótimas sensações da vida, mesmo perante os seus desafios e dificuldades. É uma música que me traz o sentimento de como vale a pena viver, mesmo que nos custem algumas lágrimas no meio do caminho. O segundo motivo é especificamente por um trecho da música:

Fique mais
Que eu gostei de ter você
Não vou mais querer ninguém
Agora que sei quem me faz bem
(VANESSA DA MATA, *Não me deixe só*, 2022)

Esse trecho define como eu enxergo e lido, hoje, com todo esse contexto em que eu e Leandro estamos inseridos. Ainda que tenhamos dificuldades e seja conflituoso dentro de mim lidar com inúmeras questões traumáticas, agora que ele já está aqui, eu não

quero perdê-lo. Quero mais é aproveitar o tempo que tenho ao lado dele, dar sinceras gargalhadas das suas brincadeiras e ser feliz ao seu lado, aprendendo dia a dia o que houver de ser aprendido ainda.

Os demais instrumentais foram escolhidos a partir da abordagem de cada momento: engraçado, triste, alegre, festivo ou emocionante.

Nos visuais, também construiu-se um conceito baseado nas emoções ao ser escolhida uma abordagem de falar diretamente com a câmera, quebrando a quarta parede. Acredita-se que a expressão visual, corporal e a linguagem com que eu me disponho frente às câmeras pudessem ter importância na compreensão do que estaria sendo dito, estaria sendo compreendido e interpretado de maneira que pudesse aproximar o espectador por meio da imersão na história contada. A proposta também se baseou em levar o espectador a assistir *Leãozinho* carregado de emoções. Não apenas tendo visto um documentário e não sentir algo sobre ele, refletir a partir dele ou tentar compreender o que se passa na história, de ambos os lados.

O roteiro do documentário não foi feito à maneira comum, prática e material. Ele se deu por meio da espontaneidade das gravações. Como já citado anteriormente, *Leãozinho* é um documentário que tem como referencial outros documentários com a mesma dinâmica de abordagem, onde o autor ligava a câmera, falava, gravava e no fim, juntava uma gama de materiais e os selecionava. Essa dinâmica foi adotada justamente para tornar o documentário mais espontâneo e desprovido de técnicas audiovisuais, já que este não foi o foco do projeto. A proposta, desde o início, era tornar o documentário mais íntimo, pessoal e emotivo. Outro importante motivo da decisão de adotar essa abordagem ao olhar diretamente para câmera é que têm relação direta com as minhas sessões de terapia e processos psicanalíticos. Como bem já retratado, desde o início este projeto foi idealizado sendo pautado em processos analíticos que todos nós passamos em nossas vidas. As dificuldades enfrentadas dia a dia com meu irmão, os traumas, as nuances da relação e outros aspectos sempre foram pautas importantes e frequentemente trabalhadas em terapia.

Por isso, esta abordagem tornou com que tudo o que fosse dito, fosse generosamente sincero e espontâneo. Me recolhi em lugares onde eu poderia falar abertamente, sem ninguém ao meu lado que pudesse me deixar envergonhada ou sentir-me reprimida por falar o que gostaria.

3. Equipamentos e equipe

Uma vez definidos o conceito, roteiro e as referências, debate-se equipamentos e equipe necessários para a realização do projeto. No caso de *Leãozinho*, onde o conceito esteve intimamente ligado ao desprovemento de técnicas muito elaboradas, artefatos ou elementos que precisassem de um orçamento, esta etapa foi realizada de forma simplificada. Ou seja, não houve aluguel de equipamentos, nem locações, tampouco elenco.

As reflexões nessa etapa foram relacionadas aos dias em que haveria a necessidade de estar com as câmeras disponibilizadas pela própria Faculdade de Comunicação (FAC), pois era de suma importância gravar, principalmente, aos finais de semana, onde Leandro estaria em casa (visto que durante a semana, ele reside na casa de seu pai). Os finais de semana foram escolhidos pela presença de Leandro e pela quantidade de atividades onde pudessem ser captados vídeos interessantes que viriam a compor o enredo no que diz respeito à personalidade do mesmo. Cenas como seu aniversário, brincadeiras com o cachorro, momentos de lazer na piscina, momento de bronca por não realizar as tarefas da escola, foram todas realizadas aos sábados e domingos.

Outra necessidade importante foi do que se fazia necessário para realizar boas gravações, mesmo que em um documentário pautado na espontaneidade e desprovido de muitos recursos técnicos. Encontramos a necessidade de uma câmera que atendesse às expectativas de imagem e a necessidade de bons microfones externos, que pudessem captar tanto os sons mais distantes quanto aqueles mais próximos da câmera.

No que se refere à equipe, não tivemos ninguém além dos únicos envolvidos na história: Marina e Leandro. As gravações foram feitas todas por mim.

4. Fotografia e arte

Nesta etapa, houve pouco trabalho. Em relação às fotos, todas são materiais antigos resgatados por mim que estavam guardados há anos.

5. Plano de filmagem

O esboço do plano de filmagem foi realizado ainda em julho de 2022, ao realizar a matéria de Pré-TCC com a professora Kátia Belisário. Pretendia-se, na época, dar início às gravações em setembro de 2022, pois seria necessário utilizar o máximo de tempo disponível com Leandro para obter um banco de imagens e vídeos, tornando a execução

ainda mais espontânea, visto que teríamos uma boa quantidade de materiais que nos permitissem a escolha de uns e de outros, o descarte. Na época, eu não tinha a pretensão de contar ao meu irmão, até o fim das gravações, que seria um trabalho sobre a nossa história, para então preservar a espontaneidade do documentário e de suas complexidades.

Vale ressaltar que, em todo o cronograma de execução, já entendia-se que a aluna deveria ter momentos voltados para encontros pessoais com seu orientador sempre que necessário para correções, mostrar imagens e vídeos, sons e qualidade dos mesmos.

O plano de filmagem foi baseado em apresentar o Trabalho de Conclusão de Curso em fevereiro de 2023, posteriormente postergado para julho do mesmo ano.

SETEMBRO	Estudo de mais 3 filmes	Até o dia 15/09
SETEMBRO	Apresentar à orientadora a composição final de suas ideias	Até o dia 30/09
OUTUBRO	Criação do roteiro	Até o dia 25/10
OUTUBRO	Burocracia de aluguel de equipamentos na FAC	Até o dia 10/11
NOVEMBRO	Início das gravações	Dia 11/11
NOVEMBRO	GRAVAÇÕES	Até o dia 30/11
DEZEMBRO	Início das gravações de entrevistas	Dia 01/12
DEZEMBRO	Gravações do aniversário do protagonista	Dia 11/12
DEZEMBRO	Início das edições	Dia 16/12
DEZEMBRO	EDIÇÃO	...
JANEIRO	EDIÇÃO	Até o dia 20/01/2023
FEVEREIRO	Revisão e correções	Até o dia 02/02/2023
FEVEREIRO	Apresentação à banca	Dia 15/02/2023

O que não foi cumprido do cronograma acima foi a criação de roteiro, apresentação à banca e mudança das datas.

As gravações foram iniciadas em outubro de 2022. Aos poucos, iam sendo gravadas primeiramente as cenas mais espontâneas que eram dos momentos de lazer do Leandro quando estava em casa aos finais de semana. Foram-se armazenando inúmeros vídeos e sendo analisados um a um sobre quais seriam mais interessantes de usar e quais deveriam ser descartados, sempre pensando no tempo médio de 35 minutos para o documentário.

Após as gravações dos momentos de lazer, foi iniciado o processo das gravações ao entrevistar o Leandro, tendo como base alguns temas importantes: ele se apresentando e falando sobre si mesmo, sendo questionado a respeito da sua família, irmãs, escola e rotina, ele falando sobre o Jorel, sobre suas inseguranças pessoais e sobre o Transtorno de Déficit de Atenção.

Ao longo do processo de filmagens, foram surgindo situações interessantes a serem exibidas, como a festa de Leandro, a leitura da carta para o Jorel, que encontramos inesperadamente, e a cena em que eu estava com Covid. Alguns desses momentos de descontração, como na cena da festa no quarto, foram gravados com um celular pois estava sem câmera. Mesmo assim, foram momentos a serem considerados por sua importância no enredo.

6. Pós-produção

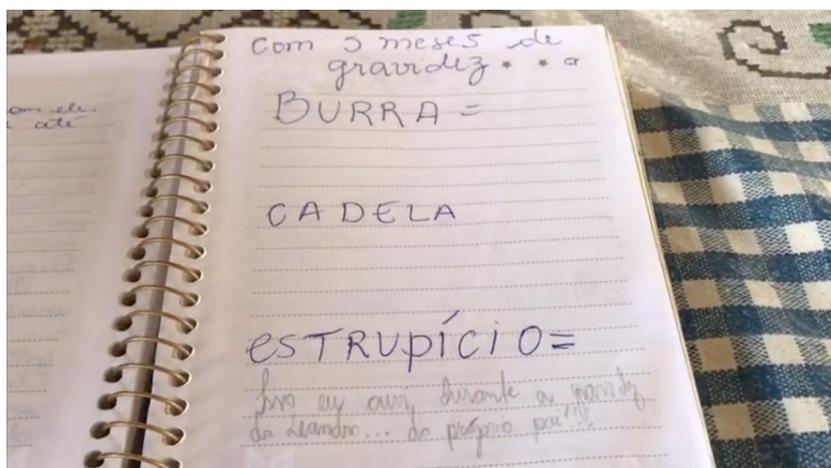
Passadas as etapas de pré-produção e produção e já tendo todo o material captado, segue-se para a montagem e edição do documentário. Essa etapa foi feita, inteiramente, por mim. As únicas mostras realizadas ao longo do processo para possíveis opiniões foram para o professor orientador deste projeto.

Sabendo que se trata de um documentário emotivo, onde haverá emoções de pontos mais altos e pontos mais baixos, foi pensado junto ao orientador do projeto, realizar transições mais brandas dos momentos em que me emociono para momentos mais alegres como a cena da festa no quarto de Leandro. Optou-se também por cortes secos na mudança de fotos e vídeos para que não houvesse uma estética de vídeos editados por celular e aplicativos de redes sociais. Nesse momento, foi muito importante analisar o documentário diversas vezes em dias e momentos diferentes da rotina para estar mais aguçado quanto à perspectiva do espectador. Eu e o professor orientador do projeto é que mediamos os momentos em que algumas cenas deveriam ou não virem seguidas de outras.

A escolha do material se deu pela percepção do que poderia ser qualitativo para *Leãozinho* na perspectiva das emoções e do enredo da história contada. Logo no início do documentário, contém fotos da minha mãe grávida do Leandro. A escolha da presença dessas fotos, mesmo sem o desejo de expor pessoas que não fossem os irmãos envolvidos, Leandro e eu, se deu por concluir que seria benéfico para o enredo da história começar com o momento em que o Leandro ainda está na barriga da minha mãe. Isso porque o contexto em que o Leandro veio a mundo muito interessa na compreensão da dificuldade da nossa relação. Eu dou início ao documentário contando como foi descobrir que teria um irmão, fruto de uma relação violenta que tanto me machucou. Uma vez que já foi mencionada a quantidade de materiais resgatados ao

longo da vida para a composição deste projeto, seria justo que também contivesse uma foto do momento em que Leandro ainda não era nascido.

Junto a essas fotos da gravidez de Leandro, houve o desejo de expor um diário da minha mãe, onde ela escreve o que ouvia do seu parceiro e pai do Leandro, na época em que estava grávida dele.



“Com 5 meses de gravidez... BURRA, CADELA, ESTRUPÍCIO = Isso eu ouvi durante a gravidez do Leandro... do próprio pai!!!”

Essa parte foi retirada por dois motivos: por tratar-se de uma revelação importante que talvez não agradasse à minha mãe por sua exposição e porque concluiu-se que não contribuiria positivamente para o projeto.

Em algumas das gravações feitas, li um texto escrito por Caike Luna, um ator e humorista já falecido, que contextualizava bem a dualidade entre vida real e fantasia. Por ser também um texto bonito e sensível, achei que pudesse encaixar-se no contexto em que eu mencionava a dificuldade do Leandro em lidar com as obrigações da vida real. Depois de analisarmos, eu e meu professor orientador, o documentário algumas vezes, decidimos retirar essa parte já que, além de longa, era um texto muito focado na doença em que o ator enfrentava e como o ‘dom de iludir’ o fazia bem.

Em outro momento do documentário, em que abordo a relação de Leandro e Jorel, houve uma gravação grande em que eu dizia inúmeros defeitos na rotina do cachorro que me desagradavam e, muito por isso, a relação entre mim e Leandro também era conflituosa. Na primeira análise desse take, por parte do orientador Caique Novis, decidimos retirar esse vídeo pois transmitia imensa antipatia da minha pessoa. Não

apenas alguém ríspida, como também incomodada por situações irrelevantes ao documentário.

Optou-se também por cortes secos na mudança de fotos e vídeos para que não houvesse uma estética de vídeos editados por celular e aplicativos de redes sociais. Outro recurso utilizado em uma das cenas foi adicionar o filtro preto e branco para levar o espectador a retirar-se da seriedade do que estava sendo mencionado.

No que se refere aos sons instrumentais ao fundo de algumas das minhas falas, elas foram adicionadas para demandar mais atenção da audiência em relação à emoção ali abordada. Ou seja, assuntos mais delicados e levados à melancolia/tristeza foram abordados com instrumentais mais leves, momentos engraçados e de maior descontração com instrumentais que remetessem o lado engraçado, momentos emotivos de alegria ou satisfação com músicas de artistas brasileiros que trouxessem ao espectador essa sensação.

Nesta etapa de pós-produção foi decidido retirar de *Leãozinho* uma das respostas de entrevistas que foram realizadas para o Leandro. Foi perguntado a ele sobre cada uma de suas irmãs e seus pais. Ao falar da irmã mais velha, por parte de pai, Leandro a elogia bastante por sua paciência e brincadeiras agradáveis quando se encontram. Anteriormente, esse take teria sido incluído para fazer um contraste sobre a percepção dele entre a irmã mais velha, que não convive com ele, e eu, a irmã mais nova, que passo mais tempo junto a ele e moramos juntos. Posteriormente decidiu-se retirar essa parte pois não havia sentido retratar a história de dois irmãos, em comparação a uma outra irmã que sequer convive com Leandro. Concluiu-se que, no documentário, apenas o que interessa são elementos que dizem respeito apenas a nós dois, sem comparações.

Por fim, no campo mais técnico do filme, foi necessário reajustar cores e adicionar legendas, já que o documentário é inteiramente narrado e tornar-se de grande importância a compreensão do mesmo.

Um ponto importante desta etapa de pós-produção, é a decisão de tornar o filme público e de fácil acesso às pessoas por ter um caráter social. *Leãozinho* deixa para o futuro uma linda história de amor, sobre resgate de relações, paciência e meios de diminuir a culpa em relação à história retratada.

Acredito que um filme concluído é um filme compartilhado. Após a apresentação deste produto, recebi muitos relatos emotivos de pessoas que passam por diversas situações semelhantes, pessoas que se identificaram em ambos os irmãos. Isso demonstra o quanto o filme pode ser positivo tanto para quem sente a culpa e quer se

redimir, como para quem possui algum transtorno ou deficiência e sonha com a compreensão de quem o rodeia.

O documentário servirá de exemplo e apoio aos que se sentem culpados, visando a substituição desse sentimento por olhar mais acolhedor até de si mesmo. Reconhecer os próprios erros e as tentativas de ser melhor, mesmo que muitas vezes frustradas, já são um passo gigantesco. Servem para nos encorajar de quem podemos e conseguimos ser melhor para aqueles que amamos. Muitos de nós não fomos criados por meio de uma educação positiva, e sim, muitas vezes, por uma educação autoritária, onde a competência e a autoconfiança das crianças sempre foi relativizada. Além do mais, vivemos em um mundo impaciente, onde tudo precisa ser rápido, urgente e imediato. Qual pessoa não se sentiria culpada diante disso tudo? É o mais comum nos dias de hoje, mas não significa que seja bom e que não possamos reconstruir tudo isso em prol de uma relação.

Acredito também que Leãozinho deixa para o futuro um documento importantíssimo do retrato da sociedade em que vivemos: uma sociedade imediatista e impaciente, uma sociedade que ainda tem muito o que aprender no que se refere à inclusão das diferenças, uma sociedade onde a tecnologia e o recorte momentâneo e, muitas vezes mentiroso, da realidade nas redes sociais vale muito mais do que o dia a dia, uma sociedade que banaliza o amor que está dentro da sua casa todos os dias, uma sociedade que está, em muitos aspectos, desaprendendo a amar, se é que já aprendeu.

Por fim, é um documentário que serve como um presente para o meu irmão. No futuro, espero que ele use esse filme em seu processo de autoconhecimento e que fique para sempre documentada a minha forma de remissão que, sem dúvidas, tornou-se um ‘divisor de águas’ em nossa relação como irmãos.

CONCLUSÕES

Leãozinho é um produto da minha formação acadêmica, que foi realizado por meio de instrumentos, habilidades e conhecimentos praticados e desenvolvidos durante a minha graduação, como também um produto pessoal. É um trabalho realizado em dois semestres letivos, mas também constituído a partir de um processo de vida.

Tendo em vista que este também é um produto pessoal, houve algumas dificuldades em realizá-lo, bem como facilidades.

Das dificuldades emocionais de produzir este documentário, incluo todo o envolvimento com o passado que tive de lembrar e até mesmo entender alguns por quês para que pudesse ser passado de forma mais clara ao espectador. Não foi fácil encontrar uma maneira de dizer a verdade sobre os meus sentimentos e reações sem que pudessem magoar o meu irmão, bem como foi difícil me desprender do medo de ser piegas em demasia. Até chegar ao ponto de olhar para a câmera e dizer o que devia/queria ter dito levou algumas gravações até que se tornasse um processo espontâneo. Outra dificuldade foi dividir e exibir essa realidade para todas as pessoas que pudessem ver o documentário. Por mais que tenha sido uma vontade própria abordar esse tema e ser muito mais interessante para mim realizar um produto que também fosse pessoal, por algumas vezes me questionei se deveria ou não expor toda essa realidade. No fim, concluí que este produto é um presente meu para mim mesma também, faz parte do meu processo humano como irmã do Leandro e achei que valia a pena compartilhar com todos os que tivessem interesse.

Dificuldades do ponto de vista técnico foram: a dinâmica de gravações, visto que Leandro só estaria em casa aos finais de semana, o que me deixava refém para as produções de vídeos nesses dias da semana, além de me sentir muitas vezes cansada e pressionada tendo em vista todas as minhas responsabilidades diante da produção deste produto como um todo; apesar de não ter sido tão complexo, tive de aprender a usar a câmera junto aos microfones disponíveis, o que, no início, me fez perder um dia inteiro de gravações pois nenhum deles obtinha áudio; outra dificuldade técnica foi entrar inteiramente no fluxo de um documentário espontâneo, proposto por mim, pois ao falar para câmera me pegava sendo contudista ou técnica demais nas falas, e essa não era a proposta; me desprender para as câmeras e falar abertamente pois por vezes sentia que estava sendo entrevistada, tive de retomar algumas gravações com um pensamento de que aquele era um depoimento de mim para uma terapeuta, por exemplo, o que me

ajudou bastante neste processo; dificuldades para editar o vídeo também existiram apesar de não ter sido a maior delas, foi um processo lento de aprender a explorar todas as ferramentas que o aplicativo dispunha e realizar o documentário da forma que imaginei; e, por último, dificuldades para realizar o banner de *Leãozinho* que estava mal elaborado e contei com a ajuda de um amigo da própria Faculdade de Comunicação para ajudar-me a produzir um banner mais sofisticado.

Já no que se refere às facilidades em realizar este documentário, está a facilidade de acessar dentro de mim os meus sentimentos de forma consciente, já que essas questões vêm sendo abordadas ao longo de, pelo menos, 3 anos no meu processo de psicanálise. Apesar de ser difícil mencionar e reviver alguns episódios, foi fácil para mim expressá-los em palavras, de forma consciente dos por quês de cada comportamento ou sentimento intrínseco à esta realidade vivida.

Outra facilidade foi o próprio Leandro aceitar, participar e topou ser o protagonista do documentário. Ter alguém disponível, entregue e empolgado ao ser filmado e entrevistado facilitou muito o processo de realização deste produto. Quando pensei em realizar este projeto, no início de todo o processo, uma das razões que me desmotivaram a abordar minha relação com minha avó materna foi a sua instabilidade de humor que poderia me trazer prejuízos na realização do documentário. Por isso, foi importante para mim lidar com alguém que estivesse disposto e disponível.

Das facilidades técnicas incluem-se a gama de mídias e fotos que já tinha acumuladas desde o nascimento do Leandro, o que compuseram grande parte de *Leãozinho*. Outra facilidade, nesse mesmo aspecto, foi o meu conhecimento já adquirido em relação às abordagens, construções, enredo e roteiro de um documentário menos técnico. Senti facilidade ao identificar em quais momentos deveriam vir as cenas de emoção, se deveriam vir seguidas das de alegria e euforia, ou não, tudo isso foi capaz pela minha capacidade de percepção até mesmo como espectadora.

Leãozinho se tornou um produto de alta qualidade, mesmo com poucos recursos financeiros e com a ajuda de terceiros. É um produto carregado de muito orgulho.

A finalização deste trabalho representa também uma fé em mim mesma, na minha capacidade de usar as minhas próprias vivências e testemunhos e prol de processos criativos e em produtos de comunicação, de modo a compartilhar dores, desafios e, mais que isso, a vida real. Seu processo de construção poliu os meus conhecimentos, contribuiu para o meu autoconhecimento e me deu outra perspectiva das relações mais importantes de minha vida.

A vida, em sua experiência rica e árdua, está repleta de desafios e claro, de muitas surpresas. Surpresas essas que não sabemos antes de ‘abrirmos a porta’, pois essa tal vida não tem olho mágico, é preciso abrir e descobrir. Às vezes abrimos e encontramos cenários desconfortáveis, tristes e até mesmo dolorosos. No entanto, me considero uma pessoa de sorte, pois em meio a esses caminhos da vida, encontrei as pessoas que mais amo. Incluindo o meu irmão. Nesses caminhos, não houve um dia sequer em que eu não dei sinceras gargalhadas e acabei descobrindo uma fé em mim mesma, de superação, e me tornando uma grande sonhadora. Hoje, cada um dos meus sonhos são colocados, cuidadosamente, em prática buscando a realização. Dentre inúmeros sonhos que tenho e tento tirar do papel, sejam eles pequenos ou grandiosos, esse documentário foi um dos que eu não planejei, mas que eu sonhei a partir do momento em que ele ganhou vida em pensamento.

Obrigada a todos os envolvidos por se emocionarem e sonharem esse sonho junto comigo e com meu irmão, Leandro.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.: "**La fase genital previa**". Buenos Aires, Revista de Psicoanálisis, XXI, 3, págs. 203-213, 1964.

ALEXOPOULOS, GS. **Transtorno do humor**. In: Kaplan HI, Sadock BJ. Tratado de Psiquiatria. Porto Alegre: Artmed; 1999. p. 2776-2779.

ARRUDA, A. **Sexualidade e informação: recado dos jovens paraibanos**. In: PAIVA, V. (org). Em tempos de AIDS São Paulo: Sumus, 1992.

BIEDERMAN, J., STEINGARD. R., **Psicofarmacologia in Niños y Adolescentes**. Washington, DC: Organización Panamericana de la Salud; 1990. p. 7-14.

CONCEIÇÃO, I. S. C. **Educação sexual**. In: VITIELLO, N. et. Al. Adolescência hoje. São Paulo: Roca, 1988.

COSTA, M. **Sexualidade na adolescência: dilemas e crescimento**. 8. Ed. São Paulo: L & PM Editores, 1986.

DESSEN, M. A.; CERQUEIRA-SILVA, S. **Relações familiares na perspectiva de pais, irmãos e crianças com deficiência**. São Paulo, 2014, p. 1-10. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/vQTc3sNtpMt5vfFwNYds36f/?lang=pt>

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Tradução Leandro Konder. 8. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

ESCOBAR, Maria Clara. **Os dias com ele**. São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LUj7moQhRrM>

HERZOG, Werner. **Terra do Silêncio e da Escuridão**. 1971. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GI3TghJync8>

Organização Mundial da Saúde. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas**. (trad.) Caetano D. Porto Alegre: Artes Médicas; 1993.

OSÓRIO, L. C. **Adolescente hoje** 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

OUTEIRAL, J.; CEREZER, C. **O mal-estar na escola**. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

PAZ, Bárbara. Babenco – **Alguém Tem Que Ouvir O Coração E Dizer: Parou**. Brasil, 2020. Disponível em:

https://globoplay.globo.com/babenco-alguem-tem-que-ouvir-o-coracao-e-dizer-parou/t/GMTP6kjgvG/?gclsrc=aw.ds&&gclid=CjwKCAjwhJukBhBPEiwAniIcNdFM7xpnnksCniNUyTdMSAc1YIHbghvTj0dfL50iW_pydr1qMLyFDhoC3rQQAvD_BwE&gclsrc=aw.ds

PARKER, RG. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991.

RAPPAPORT, C. **Encarando a adolescência**. São Paulo: Ática, 1995.

REZENDE, T. R. P. S.; SOUZA, I. A. de. **O ensino por meio de ciclos: uma breve retomada histórica no contexto educacional brasileiro**. In: Saberes, Natal. RN, v. 1, n. 14, 2016.

ROCHA, A. L. C. da; ECKERT, C. **Etnografia: saberes e práticas**. Porto Alegre: Iluminuras, 2008.

ROSENBERG, M. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. São Paulo: Editora Agora, 2006.

SALES, JM. De. **Os pais dos adolescentes**. In. VITIELLO, N et. al. Adolescência hoje. São Paulo: Roca, 1988.

SALLES, L.M.F. **Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos**. São Paulo, 2005.

TIBA, I. **Puberdade e adolescência: desenvolvimento biopsicossocial**. São Paulo: Ágora, 1986.

WINKIN, Y. **A nova comunicação: da nova teoria ao trabalho de campo**. Campinas, Parirus, 1988.

LINK DO DOCUMENTÁRIO:

https://drive.google.com/file/d/1r7b1nGpCKb8hdOwJBhHcDbDwgI6zJR_g/view?usp=drive_link